

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE DESPORTOS
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

GLAUCO MEIRELES RICARDO RUIZ

**A CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTES MARCIAIS:
Possibilidades para a formação docente**

FLORIANÓPOLIS 2011

GLAUCO MEIRELES RICARDO RUIZ

A CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTES MARCIAIS:
Possibilidades para a formação docente

**Monografia apresentado na disciplina
Seminário de Conclusão de Curso I como
requisito parcial para a obtenção do título de
Licenciatura em Educação Física.**

Orientador: Prof. Carlos Luiz Cardoso

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC

CURSO DE EDUCAÇÃO FÍSICA – Hab. Licenciatura

Termo de Aprovação

A Comissão Examinadora (Banca), abaixo assinada, aprova o Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia),

A CORPOREIDADE NA EDUCAÇÃO FÍSICA E ARTES MARCIAIS:
Possibilidades para a formação docente

Elaborada por

GLAUCO MEIRELES RICARDO RUIZ

Como pré-requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Educação Física.

Comissão Examinadora (Banca): _____

Orientador - Prof. Ms. Carlos Luiz Cardoso – UFSC

Membro – Prof. Dr. Elenor Kunz – UFSC

Membro – Prof. Cláudio Bispo de Almeida – UFSC

Suplente – Prof. Leonardo Hoffmann – UFSC

Florianópolis, SC., 01 de dezembro de 2011

Epígrafe

“Entre as coisas que podem levar um pensador ao desespero está o conhecimento de que o ilógico é necessário para o homem e de que o ilógico nasce muito bom. Ele está tão firmemente implantado nas paixões, na linguagem, na religião e em geral em tudo aquilo que empresta valor à vida, que não se pode extraí-lo sem com isso danificar irremediavelmente essas belas coisas. São somente os homens demasiadamente ingênuos que podem acreditar que a natureza do homem possa ser transformada em uma natureza puramente lógica; mas se houver graus de aproximação desse alvo, o que não haveria de se perder nesse caminho! Mesmo o homem mais racional precisa outra vez, de tempo em tempo, da natureza, isto é, de sua postura fundamental ilógica diante de todas as coisas” (NIETZSCHE, F. W. Humano, Demasiado Humano).

Agradecimentos

Sem dúvida alguma, se eu fosse agradecer a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para o processo que resultou nesse trabalho me faltariam linhas o suficiente. Teria de voltar pelo menos uns 11 anos da minha vida, até o momento em que comecei minha caminhada nas 'artes marciais'.

Ao invés disso vou começar agradecendo a todos aqueles que me permitiram caminhar por tanto tempo, meus pais. Sem o apoio deles, eu com certeza eu não teria chegado até o ponto de conclusão dessa pesquisa. De todas as formas possíveis eles foram compreensíveis e pacientes, me dando o espaço necessário para avançar por toda a minha trajetória acadêmica e nas 'artes marciais'. Dos dias mais tranquilos aos mais conturbados, das brigas aos acertos, sei que eles nunca deixaram de me apoiar.

Além da família, sei que é preciso agradecer aos amigos, todos aqueles que fizeram parte da minha história de vida e que certamente contribuíram para que eu seja quem sou hoje. Sem as conversas de 'boteco', e as horas de ociosidade criativa e o apoio não seria possível chegar aonde cheguei, sem ter deixado pelo caminho muito mais da minha "sanidade mental".

Por último tenho muito a agradecer aos professores que ao longo do curso, me mostraram as diversas possibilidades dentro da Educação Física. Eles estiveram sempre prontos a oferecer conselhos, ideias e ajuda; e por isso, lhes sou muito grato.

Em especial, gostaria de agradecer ao meu Orientador, professor Carlos Luiz Cardoso, que de sua maneira única me auxiliou a percorrer momentos conturbados e "frustrantes" durante as experiências de estágio, mas que tiveram como resultado experiências de grande valor para mim como futuro 'professor'; igualmente agradecer a liberdade e confiança que ele me deu durante a produção

de todo o trabalho de conclusão sempre pronto a tomar um chimarrão e conversar quando necessário fosse.

Sem mais, muito obrigado a todos!

Resumo

O presente trabalho teve por objetivo apontar as diferentes formas com que a corporeidade é apresentada na literatura relacionando as diferentes concepções de 'corpo' com aquelas encontradas nas 'artes marciais', tentando dessa forma estabelecer relações de aproximação e complementaridade entre ambas as partes, sugerindo como opção a experiência nas 'artes marciais' como forma de complementar a formação docente no campo da Educação Física. O trabalho caracterizou-se por uma pesquisa teórica e utilizou-se da metodologia da *triangulação de dados* para aproximar o referencial teórico a partir do 'corpo' como foco central. Tendo por conclusão que as 'artes marciais' quando vinculadas à sua filosofia de origem, tem uma aproximação com as concepções fenomenológicas de movimento humano, podendo ser usadas como ferramenta de experimentação na formação docente.

Abstract

This study aimed to point out the different ways in which the *corporeity* is presented in the literature relating the different concepts of 'body' with those found inside the 'martial arts', thus trying to establish closer relations and complementarities between both, suggesting as an option the experience in 'martial arts' practices as a complement to teachers formation in the field of Physical Education. The work was characterized by a literature research and it has used the *data triangulation* methodology to approximate the theoretical references using the 'body' as the central focus. As concluded, the 'martial arts' when in contact with its original philosophy has an great degree of approach to the phenomenological concepts of human movement and can be used as a tool for experimentation in teacher formation.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
1.1. PROBLEMATIZAÇÃO.....	10
1.2. JUSTIFICATIVA.....	12
1.3. OBJETIVO GERAL.....	14
1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	14
1.5. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS.....	15
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	20
2.1. PA-KUA, PORTA DE ENTRADA – DA TRADIÇÃO À ADAPTAÇÃO.....	20
2.2. ARTES MARCIAIS.....	22
2.3. ARTES MARCIAIS E FILOSOFIA CHINESA.....	23
2.4. CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA.....	25
2.5. CORPOREIDADE E AS ARTES MARCIAIS.....	28
2.6. APROXIMAÇÕES COM A FORMAÇÃO DOCENTE.....	30
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
4. REFERÊNCIAS	38

1. INTRODUÇÃO

1.1. PROBLEMATIZAÇÃO

A idéia e a vontade de realizar tal pesquisa surge primeiramente do envolvimento que o pesquisador tem com as artes marciais, especificamente o aprendizado do Pa-kua pela metodologia da Liga Internacional de Pa-kua e de sua experiência docente com a mesma que se estende por mais de 10 anos.

Durante esse período de vivência nas artes marciais, foi possível perceber internamente mudanças decorridas dos treinos e da disciplina existente dentro dos mesmos. Essas mudanças se manifestaram de diversas formas durante os treinos.

Inicialmente na jornada como 'artista marcial' é comum estar muito preocupado com habilidades 'físicas' e pensar nos treinos e no seu desenvolvimento apenas sob esse viés. A verdade é que a dicotomia entre corpo e mente é muito enraizada em nossa cultura e mesmo quando 'bebendo' de outras fontes é muito difícil superar essa visão 'racional' de tudo. Como um 'artista marcial' iniciante eu estava sempre focado em 'condicionamento físico' de uma forma geral, não que isso seja algo ruim ou desnecessário, mas com certeza é algo que para nós que temos uma cultura diferente daquela onde nasceram as artes marciais, se torna uma cortina de fumaça no exercício de enxergar além daquilo que podemos 'medir'. Aos poucos a auto-observação me fez enxergar que algo além do 'físico' existia mesmo nos treinos mais básicos, conforme enxergava essas novas possibilidades e as comprovava em mim mesmo, sentindo, mais fácil era para enxergar um pouco além. Acredito que a filosofia que sustenta a 'arte marcial', no meu caso o Pa-kua, assim como um bom 'mestre' são fundamentais

para que o aluno consiga chegar ao ponto de perceber-se o suficiente e tomar conhecimento dessas outras possibilidades que estão subjetivadas nos treinos.

Após alguns anos de prática me acostumei a estar atento a tudo que os treinos me faziam sentir, exercício que com certeza não foi realizado com perfeição, mas que ao menos estava posto como objetivo. Assim de alguma forma eu já entendia a prática e o 'corpo' como algo além do 'condicionamento físico' que antes parecia tão primordial.

Aos poucos os interesses mudavam e eu começava a estudar fora das aulas, nada muito aprofundado e ainda sem uma orientação objetiva sobre o que pesquisar.

Esses novos interesses entre outras coisas levaram ao ingresso no curso de Licenciatura em Educação Física na Universidade Federal de Santa Catarina no primeiro semestre de 2008, onde esperava contribuir para a minha formação como 'artista marcial' no que diz respeito aos conhecimentos sobre o corpo humano.

Comecei a perceber que uma divisão muito forte entre 'corpo' e 'mente' estava presente em muitas das disciplinas estudadas e que existia uma preocupação muito grande com aquilo que podia ser mensurado em detrimento daquilo que se passa internamente no ser humano. Durante todo esse tempo experienciando o currículo nota-se uma falta de preocupação com aquilo que sempre foi meu objeto de estudo e trabalho, o ser humano. Já que de uma maneira geral, o ser humano ao ser mensurado dentro do campo da Educação Física, ao meu olhar, era reduzido e simplificado ao máximo deixando de lado os significados e intencionalidades por trás de todas as ações realizadas.

Essa vivência com as artes marciais choca-se inicialmente com a visão técnico-instrumental de 'corpo' que foi encontrada por grande parte da caminhada dentro do curso de graduação de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Santa Catarina.

Levando a um desejo de aprofundar-se no tema buscando concepções que mais se aproximam daquela vivenciada durante os anos tanto de docência quanto de experiência nas artes marciais indicam-se alguns questionamentos:

1. Como é possível traçar um paralelo entre o estudo e a prática das artes marciais internas chinesas e as mais recentes concepções de 'corpo' encontradas na área da Educação Física?
2. Esses pontos em comum podem ajudar na formação de docentes na área da Educação Física?
3. Como essa concepção presente dentro das 'artes marciais' pode ajudar para 'humanizar' a formação de docentes no campo da Educação Física?

1.2. JUSTIFICATIVA

Durante todo o caminho ao longo do curso de Licenciatura em Educação Física foi difícil encontrar trabalhos de pesquisa que tivessem como foco as 'artes marciais' para estudá-las de forma mais aprofundada em relação às suas bases filosóficas e o seu entendimento de ser humano.

Pesquisando mais informalmente no portal de periódicos da CAPES, que reúne uma grande base de dados científicos indexados e utilizando para a pesquisa os descritores: arte marcial, artes marciais. Caracterizando-se por uma pesquisa de assunto, utilizando a ferramenta de metabusca onde se optou por uma busca simplificada dos termos acima, sendo a opção de área de conhecimento marcada como multidisciplinar e a subárea como geral.

Com esse método foram encontrados para o termo 'arte marcial' apenas uma (01) ocorrência pela base de dados SciELO, para o termo 'artes marciais' foram encontradas cinco ocorrências também pela base de dados SciELO.

Constatamos que a maior parte dos trabalhos que envolvem 'artes marciais' se debruçam sobre aspectos ou da biomecânica ou da fisiologia.

Consultando o Banco de Teses da CAPES encontramos para o termo 'arte marcial' vinte e um (21) resultados que organizamos no quadro abaixo conforme classificação encontrada no próprio site.

Das vinte e uma (21) pesquisas encontradas apenas três (03) foram identificadas como sendo da área da Educação Física, representando apenas quatorze vírgula três por cento (14,3%) dos resultados.

RESULTADOS DA PESQUISA		
Título da Tese	Área do Conhecimento	Linha(s) de Pesquisa
Judô: Valores e Princípios Incorporados ao Longo da História	EDUCAÇÃO FÍSICA 2005	DESENVOLVIMENTO E APRENDIZAGEM MOTORA
A influência do Zen budismo nas artes marciais japonesas no Brasil	TEOLOGIA 2009	RELIGIÃO E TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS
Agressividade do Lutador de Jiu Jitsu: Perspectiva da Imagem Social Influenciada Pela Mídia	DESENVOLVIMENTO SOCIAL E DA PERSONALIDADE	ESTADOS EMOCIONAIS E MOVIMENTO 2006
Pobreza, Política e Dominação: Um Caso de Patrimonialismo Moderno em um Campo Esportivo	OUTRAS SOCIOLOGIAS ESPECÍFICAS 2007	POLÍTICA, VALORES E SOCIEDADE
Jo-ha-kyu: Princípio Estético e Organização Formal	MÚSICA 2006	PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO MUSICAL
O Caminho dos Pés e das Mãos: Taekwondo. Arte Marcial, Esporte e a Colônia Coreana em São Paulo (1970-2000)	HISTÓRIA 2004	CULTURA E TRABALHO
Princípios e Valorização do Judô na Vida Cotidiana de Mestres da Região de Mogi das Cruzes	EDUCAÇÃO FÍSICA 2010	ESTUDOS SOCIOCULTURAIS DO MOVIMENTO HUMANO
Equilíbrio em Idosos e Prática de Tai Chi Chuan	SAÚDE COLETIVA 2008	CICLOS DE VIDA E SAÚDE
O Impacto dos Valores Humanos do Instrutor, Sobre a Conduta do Atleta: o Caso do karate	EDUCAÇÃO FÍSICA 1997	PROJETO ISOLADO
Tempo de Jejuar e Resistir - A Presença do Kung-Fu no Treinamento do Ator: a Experiência Extracotidiana no Teatro Vocacional em Proposição Épica	ARTES, DANÇA 2010	ESTÉTICA E POÉTICAS CÊNICAS
Investigação da Prática de Tai Chi Chuan Entre Idosos	INTERDISCIPLINAR 2008	GERONTOLOGIA
Caminhando Para uma Nova(?) Consciência: Uma Experiência de Introdução da AM na Educação	EDUCAÇÃO 1999	DESENVOLVIMENTO HUMANO
A poesia da Luta: um Olhar Voltado para a Gestualidade do Estilo de Gong Fu Louva-a-Deus como Estímulo para uma Criação Coreográfica	DANÇA 2004	ARTE E MEDITAÇÃO
Na Roda do Mundo: Mestre João Grande Entre a Bahia e Nova York	HISTÓRIA, HISTÓRIA DO BRASIL, 2007	HISTORIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO
Estratégia de Enfrentamento Utilizadas por Praticantes de AM	PSICOLOGIA 2007	PREVENÇÃO E TRATAMENTO
O Aikido e o Corpo do Ator Contemporâneo	ARTES, TEATRO 2009	FORMAÇÃO DO ARTISTA TEATRAL
"Metapoesia nos Epigramas de Marcial: Tradução e Análise"	LINGÜÍSTICA, LETRAS E ARTES, 2004	
Shaolin à Brasileira: Estudo sobre a Presença e a Transformação de Elementos Religiosos Orientais no Kung-Fu Praticado no Brasil	TEOLOGIA 2004	RELIGIÃO E OS DESAFIOS DA GLOBALIZAÇÃO
Alguns Olhares Sobre o Corpo Humano	INTERDISCIPLINAR 2006	HISTÓRIA, CIÊNCIA E CULTURA
A Constituição de um Sub Campo do Esporte: o Caso do Taekwondo	SOCIOLOGIA 2007	CULTURA E SOCIABILIDADES
Análise do Impacto e Risco de Lesões no Segmento Superior Associadas à Execução da Técnica de Gyaku Tsuki Sobre Makiwara por Praticantes de Karate Do estilo Shotokan	ENGENHARIA MECÂNICA 2002	VIBRAÇÕES ACÚSTICAS

Dessas três a primeira foi classificada como da linha do desenvolvimento e aprendizagem motora, a segunda como estudos socioculturais do movimento humano e a última ficou classificada como 'projeto isolado'. O mesmo número de pesquisas foi encontrado na área das artes de uma maneira geral.

Podemos entender esses resultados como um estranhamento ainda existente da Educação Física com as 'artes marciais' de uma forma geral, sendo maior ainda esse estranhamento quando tratando do tema sob uma abordagem fenomenológica do movimento humano.

1.3. OBJETIVO GERAL

A presente pesquisa busca aproximar os conteúdos presentes no campo de estudo da Educação Física sob o viés da 'corporeidade' relacionando-os às 'artes marciais' a partir de um entendimento 'fenomenológico' do corpo humano.

Com isso pretende-se apontar as diferentes formas com que a corporeidade é apresentada na literatura da Educação Física e das 'artes marciais' buscando indícios que contribuam para a formação docente no campo da Educação Física.

1.4. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Partindo mais pontualmente da prévia vivência do pesquisador com as artes marciais tanto no estudo quanto na prática docente, especificamente com o Pa-kua, uma 'arte marcial' chinesa, pretende-se:

1. Apontar uma possível relação entre aquilo que tradicionalmente é trabalhado dentro da linha das 'artes marciais' e a corporeidade;
2. Considerar os princípios filosóficos que servem de embasamento para a compreensão da 'corporeidade';
3. Indicar as possíveis contribuições que a prática da arte marcial 'interna' poderia trazer para a formação e 'humanização' de professores de educação física;

4. Organizar tópicos de estudo e reflexão como forma de desenvolvimento pessoal necessários aos alunos na ‘caminhada’ no interior das instituições de ensino superior.

PERGUNTA CHAVE: Como a literatura mostra a triangulação entre corporeidade, educação física e artes marciais?

1.5. FUNDAMENTOS METODOLÓGICOS

Segundo Duarte (2009), a história da investigação social encontra-se repleta de esforços para combinar, numa única investigação, diferentes métodos de coleta e análise de informação. Nos últimos anos, têm surgido e sido discutidas diferentes formas de combinar metodologias recorrendo a noções como as de “triangulação”, “métodos mistos”, “modelos mistos” ou “métodos múltiplos”. Ainda de acordo com a autora, estes desenvolvimentos refletem, por um lado, a necessidade muitas vezes sentida de usar metodologias oriundas de diferentes tradições (i. e. métodos qualitativos e quantitativos) numa mesma investigação e, por outro, o interesse crescente no que se refere ao pluralismo metodológico e à abertura, após várias décadas em que prevaleceram as “guerras de paradigmas”.

A “triangulação” constitui-se, conforme Duarte (2009), no termo mais utilizado na literatura, sendo percebido por vários autores como um conceito central na integração metodológica. Este conceito não apenas constitui, para alguns, uma das formas de combinar vários métodos qualitativos entre si (Flick, 2005a e 2005b) e de articular métodos quantitativos e qualitativos (Fielding e Schreier, 2001), como também representa o conceito que quebrou a hegemonia metodológica dos defensores do mono método (ou método único) (Tashakkori e Teddlie, 1998).

Vivemos numa época de acelerada mudança social que, de acordo com Duarte (2009), em conjunto a conseqüente diversidade de universos de vida confrontam crescentemente os investigadores com novos contextos sociais e novas perspectivas. A “triangulação” constitui, inegavelmente, uma dessas novas perspectivas no campo metodológico.

Essa metodologia se faz interessante para o presente trabalho à medida que ele tenta apontar como a Educação Física e as 'artes marciais' constroem suas concepções de corpo/corporeidade e relacionar fatos dentro dessas construções, sem classificá-las como mais ou menos importante.

(...) interrelacionar dados de diferentes fontes é aceitar uma epistemologia relativa, uma que justifica o valor do conhecimento de várias fontes ao invés de elevar uma fonte de conhecimento (ou mais precisamente, quem sabe, considerar uma fonte de conhecimento menos imperfeita que o resto) (...) (Fielding e Schreier, 2001).¹

A origem, propriamente dita, da noção de “triangulação” deve ser procurada em ciências outras que não as ciências sociais e humanas. Decorrente da navegação e da topografia, a triangulação é freqüentemente entendida como um método para fixar uma posição (Cox e Hassard, 2005).

Quando relacionamos o termo “triangulação” nas ciências sociais e humanas precisamos entendê-lo de uma forma um pouco mais ambígua. Ao tratar de ciências sociais os autores colocam:

[...] aqui o 'cálculo da posição de um local pela medida de diferentes pontos' pode significar: 1. o mesmo fenômeno é tratado por diferentes métodos, ou 2. é usado para tratar aspectos diferentes do mesmo fenômeno ou até mesmo diferentes fenômenos, cujas representações dos mesmos pode contribuir para uma imagem unificada (Kelle e Erzberger, 2005).²

Propomos essa metodologia para o trabalho como forma de integrar diferentes perspectivas no fenômeno em estudo (complementaridade) (Flick, 2005a), tentando produzir assim um retrato do fenômeno em estudo que seja mais completo do que o alcançado por um único método. (Kelle, 2001).

Denzin (*apud*, Duarte 2009) descreve quatro tipos de triangulação que podem ser utilizados: triangulação de dados, triangulação do investigador, triangulação teórica e triangulação metodológica.

¹ Tradução do pesquisador

² Tradução do pesquisador

1. Triangulação de dados: refere-se à recolha de dados recorrendo a diferentes fontes. Distinguindo subtipos de triangulação, Denzin propõe que se estude o fenómeno em tempos (datas – explorando as diferenças temporais), espaços (locais – tomando a forma de investigação comparativa) e com indivíduos diferentes;
2. Triangulação do investigador: os investigadores recolhem dados independentemente uns dos outros sobre o mesmo fenómeno em estudo e procedem à comparação de resultados. Trata-se de comparar a influência dos vários investigadores sobre os problemas e os resultados da pesquisa;
3. Triangulação teórica: são usadas diferentes teorias para interpretar um conjunto de dados de um estudo, verificando-se a sua utilidade e capacidade; e
4. Triangulação metodológica: são utilizados múltiplos métodos para estudar um determinado problema de investigação. Denzin distingue dois subtipos: a triangulação intramétodo – que envolve a utilização do mesmo método em diferentes ocasiões – e a triangulação intermétodos – que significa usar diferentes métodos em relação ao mesmo objeto de estudo.

Mais pontualmente, utilizaremos a metodologia da “triangulação teórica” tendo como foco do estudo o corpo/corporeidade e como teorias de referência, as do campo da Educação Física sob o viés da fenomenologia, uma vez que é através de uma teoria do *movimento humano* de carácter antropológico que podemos nos aproximar do entendimento tradicional/filosófico das ‘artes marciais’ chinesas. Os dados foram coletados através dos seguintes tipos de leitura conforme recomendação de Gil (1991):

1. Leitura exploratória: leitura rápida do material com a finalidade de identificar em que medida cada obra interessa a pesquisa. Nesse primeiro momento, metade do primeiro semestre de 2011, nos dirigimos às bibliotecas da universidade (setorial do CDS, setorial do CED, setorial do

CFH, e biblioteca central) e na sala do orientador, na busca por títulos com relação ao tema, buscando primeiramente nos índices e separando aquilo considerado pertinente ao tema;

2. Leitura seletiva: uma leitura um pouco mais aprofundada, feita já com os objetivos da pesquisa em mente para evitar material que não contribua com a solução do problema chave. Nesse segundo momento pegamos aqueles títulos considerados pertinentes e começamos a fazer uma leitura a fim de descartar aqueles que não poderiam ajudar com a pesquisa, essa fase da pesquisa se deu no início do segundo semestre de 2011;
3. Leitura analítica: feita a partir dos textos já selecionados anteriormente a leitura tem a função de analisar o material a fim de ordenar as informações contidas na fonte, de forma que essas possibilitem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa. De natureza crítica e objetiva ela deve ser feita com profundidade tal que permita identificar as intenções do autor evitando qualquer tipo de julgamento das mesmas. Essa etapa pode ser subdividida em:
 - a) leitura integral da obra ou texto selecionado, para se ter uma visão do todo;
 - b) identificação das idéias chaves;
 - c) hierarquização das idéias; e
 - d) sintetização das idéias.

Durante essa fase da pesquisa, meados de setembro de 2011, foram feitas as leituras mais aprofundadas e através dessas leituras fomos separando os materiais que seriam usados posteriormente no desenvolvimento do trabalho;

4. Leitura interpretativa: a última etapa do processo de leitura é a mais complexa, onde se tenta relacionar o que é afirmado pelo autor com o problema ao qual se busca resposta conferindo assim significado mais amplo aos resultados obtidos durante a leitura analítica. Essa fase

desenvolveu-se a partir da metade de setembro de 2011, foi o período de maior complexidade da pesquisa onde tentamos relacionar aquilo que havia sido separado anteriormente com os objetivos da pesquisa tentando dialogar com os autores escolhidos e relacionando com as experiências do pesquisador, nesse momento da pesquisa foi necessário muitas vezes voltar a obra dos autores escolhidos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. PA-KUA, PORTA DE ENTRADA – DA TRADIÇÃO À ADAPTAÇÃO

Assim como todas as outras ‘artes marciais’ chinesas, o Pa-kua ou Ba-gua não consegue escapar ao clima de mistério que permeia sua origem. Em partes, esse mistério tem muito a ver com a relação que o povo chinês tem com seus ancestrais e o profundo respeito que eles tem pelas coisas do passado. Sendo muito comum atribuir-se a criação ou descoberta de algo a alguma figura mítica do passado que por consequência lhe atribui importância e respeito (Crompton, 1996). Com o Pa-kua não é diferente, acarretando numa diversificada quantidade de histórias e explicações de sua origem, que mantém alguns pontos em comuns.

Uma dessas histórias é de que o Pa-kua é um conhecimento oriental muito antigo, cuja origem é contada através de relatos mitológicos do lendário Imperador chinês Fu Hsi (cerca 3.000 a. C), que vislumbrou os trigramas³ que formam os princípios básicos de sua formação, no casco de uma tartaruga que emergia do rio Amarelo (Reid e Croucher, 2010). O Pa-kua (八卦) é a representação de um conceito filosófico fundamental da antiga China, a tradução dos vocábulos para o nosso idioma pode ser entendida como *oito trigramas* referindo-se aos trigramas que fundamentam o antigo texto chamado Yijing (O Livro das Mutações). Podemos dizer que esse conceito fundamental é o da ‘natureza eternamente mutável’ das coisas, um dos preceitos do taoísmo, sendo assim o Pa-kua encontra-se intimamente ligado à filosofia taoísta e pode ser apontado como uma das três artes marciais internas mais conhecidas da China,

³ Os trigramas são conjuntos de três linhas formados por linhas contínuas (yang) ou linhas segmentadas (yin), totalizando oito combinações. Esses trigramas combinados formam os 64 hexagramas que compõem o Yijing.

que acredita-se terem se originado nos templos taoístas nas montanhas de Wudang.

Embora possamos aqui citar inúmeras outras histórias com variações e nomes de outras figuras míticas, nos resumiremos a dizer que o Pa-kua, assim como aponta Crompton (1996) possui três pontos de acordo entre aqueles que estudam sua origem:

- a) deriva pelo menos em parte da corrente taoísta da cultura chinesa;
- b) está ligado ao Yijing, Livro das Mutações; e
- c) contém a doutrina e filosofia do Yin-Yang.

Em meio a tantos mistérios a cerca de sua origem o Pa-kua, assim como muitas outras 'artes marciais' ainda conta com uma subdivisão em diversos estilos diferentes. Esses estilos nada mais são do que variações da 'arte marcial' de acordo com os diferentes 'mestres' e suas experiências de vida. Podemos comparar os estilos aos galhos e folhas de uma árvore, todos dependem de uma mesma raiz para 'sobreviver' e são sustentados por um mesmo tronco.

Um desses galhos se constitui na Liga Internacional de Pa-kua a qual foi fundada na Argentina, pelo Mestre Rogelio Magliacano, no ano de 1976. Mestre Rogelio Magliacano se dedicou ao estudo das 'artes marciais' e ciências curativas desde muito novo, alcançando elevados graus dentro da faixa preta em várias disciplinas e desempenhando-se como Mestre nas mesmas, antes de estar preparado para começar o aprendizado de Pa-kua pela tutela do Mestre I. Chan Ming.

Sua trajetória dentro das 'artes marciais' e lutas começou muito cedo e foi descrita por ele em uma carta feita próxima à data de seu falecimento em Buenos Aires no dia 26 de março de 2007, na qual constava que: aos 9 anos de idade estudou Judô em um clube assim como Karatê; dos 14 aos 17 anos foi boxeador amador e estudou yoga e medicina ayurvedica; aos 21 anos estudou o estilo de kung-fu Shaolin Honan; aos 24 anos estudou o estilo de kung-fu Bai He Quan; dos 24 aos 29 anos foi estudante da 'arte marcial' coreana Ion Bi Ryu e também estudou técnicas de espada (sabre) coreano; dos 29 aos 32 anos graduou-se faixa-preta em Hapkido estudando também Tae Kwon Do e medicina tradicional chinesa; dos 33 anos de idade em diante, começou a estudar Pa-kua com seu

mestre I Chang Ming, refugiado da Revolução Popular Chinesa e residente na Coreia do Sul.

Depois de um árduo trabalho de aprendizagem, o Mestre I. Chan Ming o nomeou seu único sucessor e responsável para continuar com a tradição e divulgação do conhecimento Pa-kua transmitido pela sua 'linhagem'.

Conforme as palavras do próprio Mestre Rogelio Magliacano, ao criar a Liga Internacional de Pa-kua, seu objetivo foi de ensinar o 'conhecimento de Pa-Kua' e não um estilo específico desse conhecimento, sendo então a 'arte marcial' uma ferramenta para a aprendizagem e evolução pessoal. Essa foi a forma que ele encontrou para disseminar um conhecimento que ele julgou importante retirando as barreiras culturais impostas pelo 'tradicionalismo' para alcançar um maior número de pessoas.

2.2. ARTES MARCIAIS

O estudo e a prática das artes marciais permitem um desenvolvimento do ser humano por completo favorecendo o amadurecimento de faculdades mentais comumente 'desprezadas' por concepções técnico-instrumentais de educação física uma vez que, segundo Cardoso e Ferrari (2009), nas artes marciais a meta do estudante é atingir a compreensão para conquistar o equilíbrio e a harmonia interior. Ainda segundo os mesmos autores, o início desse processo tem na atenção/concentração a base da formação artística.

A forma que a aprendizagem toma dentro das artes marciais contribui para que durante a prática o aluno não apenas seja capaz de copiar os movimentos que lhe são mostrados e aplicar mecanicamente técnicas ensinadas, mas sim entrar em contato e tomar ciência dele mesmo como um indivíduo dotado de 'um corpo complexo'. Esse corpo que aqui chamamos de complexo pode ser entendido como o corpo humano caracterizado por diversos outros tipos de corpos: o corpo físico (ossos, músculos), corpo vital (energia vital), corpo emocional e corpo mental, Sugai (2000).

As artes marciais se utilizam então, de acordo com Cardoso e Ferrari (2009), de exercícios corporais específicos, de atenção, de concentração e de auto-observação para harmonizar as energias desses diferentes estados

corpóreos. Mostrando que desde sua origem, essas artes orientais já consideravam a corporeidade em sua amplitude de concepção espaço-temporal, que trazida por Assmann (2001), representa um novo paradigma, onde um corpo não só ocupa um espaço, mas ocupa esse espaço numa dimensão temporal específica. Caracterizando assim, segundo Elias (1998), um estado de corporeidade. Podemos observar esse tipo de preocupação na concepção de Movimento Humano trazida por Kunz (1991).

É então através da vivência das artes marciais, que aos poucos se vai quebrando os paradigmas relacionados inicialmente ao 'corpo' que nos são impostos desde crianças no mundo ocidental, dicotomia mente/corpo, durante um processo de 'formação' guiado pela concepção técnico/instrumental de ensino, focada na supervalorização da razão.

Nas artes marciais busca-se como objetivo primário o equilíbrio 'interno' esse equilíbrio tanto de 'corpo' como de 'espírito' reflete a noção de indivisibilidade do ser. O indivíduo praticante, à medida que interioriza essa experiência reflete nos mais diversos aspectos de sua vida esse mesmo equilíbrio. Esse caminho em direção ao equilíbrio permite o desenvolvimento de ferramentas fundamentais da mente humana como a já citada atenção. Tais atributos da mente humana são indispensáveis não somente para o desenvolvimento do ser humano, como para a formação de docentes de uma forma geral.

A vivência que permitiu as reflexões no presente trabalho se deu dentro de uma arte marcial de origem chinesa e por isso, vamos falar um pouco mais desse contexto a seguir.

2.3. ARTES MARCIAIS E FILOSOFIA CHINESA

Ao falarmos das artes marciais de uma maneira geral é preciso tomar alguns cuidados. Muito embora não seja o objetivo do presente estudo entrar na discussão a cerca do significado do termo 'arte marcial', é preciso lembrar que

esse termo é no mínimo generalista quando pensamos a complexidade dessas artes orientais.

Pensando nisso vamos aqui apresentar alguns pontos interessantes de serem pensados no trabalho quando tratamos das 'artes marciais' chinesas.

Para entendermos um pouco mais as 'artes marciais' na China, é preciso levar em consideração ao menos as maiores vertentes filosóficas que se fizeram presentes na região durante o 'surgimento' das artes marciais.

Podemos então destacar aqui como influencia de toda uma cultura, e por conseqüência das artes marciais que se desenvolveram nessa cultura as seguintes vertentes filosóficas: o confucionismo e neo-confucionismo, o taoísmo e o budismo chinês. Além dessas escolas filosóficas, temos a influência muito forte do Yijing ou I Ching no desenvolvimento cultural chinês.

Algo comum entre todas essas escolas de filosofia é a visão que elas tem do 'Eu', onde:

[...] um indivíduo é em essência um Eu constituído e situado relacionalmente. Isso significa que há muitos fatores que moldam o Eu, inclusive suas relações com pessoas significativas e suas experiências dentro de seus contextos históricos, culturais, sociais e políticos. (Lai, 2009, p. 21).

Essa afirmação pode nos indicar um entendimento de 'ser humano' que foi significativamente importante para que as 'artes marciais' na China se aproximassem do que hoje no ocidente conhecemos como corporeidade.

Voltando-nos mais especificamente a uma dessas correntes filosóficas, o taoísmo, que possui uma forte ligação com uma série de 'artes marciais' chinesas, podemos encontrar nesse viés filosófico a importância da espontaneidade:

O cultivo de si nessa tradição envolve desfazer muitos dos efeitos da socialização, cuidando da própria vida de acordo com os axiomas da ação não condicionada (wuwei) e da espontaneidade (ziran). (Lai, 2009, p. 19).

Nas 'artes marciais' isso se reflete em práticas livres e exercícios de observação feitos tanto individualmente como em grupos que também podem ter sua importância entendida através do estudo da corporeidade. Podemos

encontrar a referência a espontaneidade nas reflexões propostas por Kunz (1991) a cerca de uma nova teoria do movimento humano, o 'se-movimentar'.

Além das escolas filosóficas de grande influência na cultura chinesa, podemos destacar logo de início uma categorização das artes marciais chinesas que as dividem em dois grupos, são elas as artes 'internas' e as artes 'externas'. Essa classificação se dá por conta de uma série de características presentes nos sistemas de desenvolvimento e treinamento dessas 'artes marciais' fazendo com que a primeira seja mais suave, e a outra mais forte. Tal classificação de suavidade e força é fundamentada nos princípios do *Yin-yang*⁴.

A 'arte marcial' foco das reflexões para esse trabalho, o Pa-kua, tem uma forte influência do taoísmo filosófico assim como das teorias do *Yijing* como um todo.

2.4. CORPOREIDADE E EDUCAÇÃO FÍSICA

A dualidade entre corpo e mente está presente em nosso dia a dia. Ela é herança de um longo processo histórico e cultural onde hoje, segundo Santin (2003), o homem não se compreende como um corpo, mas sim como possuidor de corpo, herança bem documentada desde Platão, confirmada pelos medievais e modernos e assumida com todas as suas conseqüências pela cientificidade e tecnologias contemporâneas.

Kunz (1991) aponta que no pensamento ocidental desde Platão até Descartes, estabeleceu-se uma imagem negativa de corpo, sendo esses dois os que mais influenciaram um conceito dualista de Homem.

Talvez por isso, acabamos por dar um maior valor a tudo que entendemos ser fruto da razão e do intelecto em detrimento daquilo que é subjetivo e orgânico. Por meio da religião e da filosofia nossa cultura rebaixou o corpo a componente secundário do ser humano lhe atribuindo diversos estigmas.

De maneira geral, foi essa a fonte que serviu de alimento para o desenvolvimento da Educação Física por muitos anos durante os quais a questão

⁴ O Yin-yang são os dois polos que constituem a unidade do Tao, trata-se de dois tipos de energia que constituem tudo aquilo que existe. Yin pode ser classificado como suave, feminino, abstrato. Yang pode ser classificado como forte, masculino, objetivo. Yin e yang são complementares e interdependentes.

do corpo, numa interpretação Sócio-cultural, Filosófico-antropológica, continua não recebendo grande atenção, preferindo-se ainda dar atenção a este tema apenas no seu aspecto analítico, apenas na forma de 'disciplinar' (Tamboer, apud Kunz, 1991) (pela Anatomia, fisiologia, psicologia, etc).

Em meio a essa cultura de 'negação' do corpo é que a fenomenologia trás a corporeidade como opção teórica para ajudar no entendimento do ser humano como um ser complexo uma vez que:

Os conhecimentos científicos de que dispomos hoje acerca da corporeidade e da mobilidade corporal nos obrigam a superar o modelo clássico de movimento corporal enquadrado, via antropométrica, em modelos de geometria euclidiana (Assmann, 1998, p. 41).

Tamboer (apud Kunz, 1991) analisa que o estudo do 'corpo-movimento humano' parou na era 'newtoniana', quando um corpo era entendido como uma composição de 'partículas' que se atraíam ou se repeliam.

Ainda sobre o tema, o autor fala que com a concepção atual da 'mecânica quântica' e da teoria da relatividade de Einstein, é perceptível uma total superação da concepção newtoniana, trazida pela física moderna que não mais concebe a natureza em forma de 'partículas sólidas e isoláveis', mas sim como uma 'complexa e dinâmica rede de relações e inter-relações'.

Neste sentido, Tamboer (apud Kunz, 1991) fez uma importante distinção entre o estudo daquilo que ele chamou de 'corpo-substancial' (newtoniano) e 'corpo-relacional' (física moderna).

Na 'imagem de corpo-substancial', a interpretação de corpo se relaciona claramente com o dualismo antropológico do pensamento tradicional oriundo da filosofia grega. Com 'substancial' Tamboer (apud Kunz, 1991), na verdade, quer referir-se à terminologia grega de 'substância':

[...] termo muito importante no pensamento grego-ocidental e que quer significar que existe por si mesmo, que pode ser isolado, concebido como algo em si e fechado (Tamboer apud Kunz, 1991).

Assim, a característica principal da 'imagem de corpo-substancial' do homem é também o isolamento de 'substâncias': corpo e alma ou corpo e mente,

como se fosse possível realmente delimitar o que pertence a um e o que pertence a outro. Ainda assim existe uma tentativa de traçar uma linha divisória dentro deste ‘corpo-substancial’ que por sua vez o separa em ‘mundo interior’ da alma ou da mente e ‘mundo exterior’ relativo às coisas do corpo. Kunz (1991) nos faz refletir quando aponta para essa classificação dentro dos saberes do campo da Educação Física, onde o ‘mundo exterior’ do homem/atleta é composto pelos saberes da anatomia, fisiologia, biomecânica, sociologia, entre outros; e o ‘mundo interno’ estudado especialmente pela psicologia. Contudo ainda é evidente o caráter ‘disciplinar’ e fragmentado nesses estudos, o que leva a um reforço ainda maior da imagem dualista de homem.

Em outras palavras, precisamos deixar de lado a idéia de que o corpo humano é meramente uma ‘máquina’ com funções utilitaristas e começar a pensá-lo como componente indivisível do ‘ser humano’. Como aponta Santin (2003), o homem é corporeidade, e como tal é movimento, é gesto, é expressividade, é presença.

Podemos ainda apontar aqui as reflexões feitas por Santin sobre o tema:

Maurice Merleau Ponty descreve esta presença do homem como corporeidade, não enquanto o homem se reduz ao conceito de corpo material, mas enquanto fenômeno corporal, isto é, enquanto expressividade, palavras e linguagem. O homem instaura sua presença, ou define sua fenomenologia, como corporeidade [...] (Santin, 2003, p. 35).

A busca por identidade dentro do campo da Educação Física não pode se prender apenas às ciências ‘engessadas’, uma vez que essas não dão conta do fenômeno ‘ser humano’ como um todo.

Seguindo essa linha de pensamento temos a ‘Concepção Dialógica’ do movimento humano proposta por Tamboer, e apresentada a nós por Kunz (1991) onde do ponto de vista antropológico, o movimento humano deve ser interpretado como um ‘diálogo entre homem e mundo’. O “se-movimentar do homem é sempre um diálogo com o mundo” (Tamboer, *apud* Kunz, 1991) e o ser humano que ‘se-movimenta’ deve ser analisado de forma integral, como ser humano.

Dessa forma Kunz (1991) fala que o ‘se-movimentar’ é, assim, interpretado como uma conduta humana, onde a pessoa do ‘se-movimentar’ não pode

simplesmente ser vista de forma isolada e abstrata, mas inserida numa rede complexa de relações e significados para com o mundo, que configura aquele ‘acontecimento relacional’, onde se dá o diálogo entre homem e mundo. O ‘se-movimentar’ é, então, “uma conduta significativa, um acontecimento mediado por uma relação significativa” (Tamboer *apud* Kunz, 1991).

Com isso em vista, tentamos aqui nos voltar para as artes orientais como forma de entender mais profundamente a ‘corporeidade’ pela perspectiva do ‘se-movimentar’, uma vez que Santin (2003) destaca nelas a “simbiose mente-corpo onde um gesto corporal é também, e ao mesmo tempo, gesto do espírito”.

2.5. CORPOREIDADE E AS ARTES MARCIAIS

A repetição criativa não cansa, não esgota o gesto, pois não é repetição, mas criação. Assim, ele é sempre movimento novo, diferente, original. Ele é arte (Santin, 2003, p. 35).

As ‘artes marciais’ são apenas um dos tantos fenômenos humanos complexos, mas é através delas que tentaremos encontrar um ponto em comum com o estudo da ‘corporeidade’ dentro da Educação Física.

Elas vão além do simples treinamento em técnicas de combate e exercícios físicos, estão quase sempre atreladas a um sistema filosófico e/ou religioso e incluem em sua prática muito mais que a repetição de gestos pré-definidos ou rotinas de movimentos. Sugai (2000) quando falando sobre o Judô destaca que: os professores em sua maioria descendentes de japoneses, transmitiam através de suas aulas práticas a moral e a ética da sua cultura de origem, e assim toda uma base filosófica e ideológica que estrutura o Judô. No caso da ‘arte marcial’ que inspirou essa pesquisa, o Pa-kua, essa ética e moral estariam entrelaçadas com conceitos fundamentais do taoísmo filosófico.

Entendemos aí que a corporeidade tem uma relação direta com a ética e a moral e que essa relação pode tornar-se mais evidente no campo das ‘artes marciais’. Uma vez que na forma como são praticadas as ‘artes marciais’ o entendimento e relação do/com o ‘corpo’ refletem nos praticantes uma construção ética mais próxima da nossa realidade (humana). Para buscar esse entendimento destacamos a seguinte consideração:

Após Husserl, a fenomenologia formula, com o conceito da corporeidade, uma unidade de corpo e alma, ou espírito, e, desta forma, um conceito subjetivado, não ausente da corporalidade. As análises fenomenológicas do corpo somático tornam claro que um conceito de pessoa, pensado somaticamente, é apropriado para realizar as funções éticas que lhe são atribuídas, fornecendo ao mesmo tempo, um ponto de partida para se evitar o dualismo ontológico e conceitual de espírito (mente) e corpo. (Reichold, 2006, p. 21).

A autora nos guia para o entendimento de que um 'ser humano' completo é mais apropriado dentro do campo da ética do que um 'ser humano teórico' apoiando assim a importância do conceito de 'corporeidade'. Assim temos as 'artes marciais' como opção para trabalhar esse entendimento ético, uma vez que faz parte de seu processo de treinamento uma reflexão ética moral 'aplicável' por aqueles que as praticam. Mais que aplicável essa ética é sentida, experimentada e recriada pelo aluno.

No taoísmo filosófico essa ética é composta por dois conceitos: *ziran* e *wuwei*.

O primeiro deles, 'ziran' pode ser traduzido muitas vezes como *natureza*, segundo Lai (2009). Ainda segundo a autora esse sistema ético originado da concepção de 'ziran' desafia o controle humano ao modelar-se segundo a natureza encarnando conforme nos diz Schwartz (apud Lai, 2009), padrões espontâneos, rotinas, ciclos ritmos e hábitos. A resposta ética correspondente a um mundo desse tipo é 'wuwei' (ação não-condicionada), ou a não interferência, deixar as coisas serem. Liu (apud Lai, 2009) identifica 'ziran' como o valor central na ética taoísta, argumentando que esse é um sistema onde as relações interpessoais são caracterizadas pela naturalidade e paz, em última análise reduzindo a ética ao relacionamento básico entre as pessoas e a naturalidade.

Apesar de muitas vezes ser traduzido como natureza, o conceito de 'ziran' quando visto em sua forma de adjetivo designa espontaneidade, o modo como a entidade é segundo Lai (2009), "o que é assim por si mesmo" (Waley, apud Lai, 2009). Tal compreensão de 'ziran', diferentemente da anterior, não se baseia em um mundo natural e sim em uma noção taoísta do 'Eu', sendo esse livre para

articular dentro das condições de seu ambiente. Assim, ser 'ziran' (espontâneo) é ser livre de coerção indevida.

Um aspecto importante de ziran é que o movimento das coisas deve vir de uma vida interna das coisas e nunca resultar da engenharia ou do condicionamento por um poder externo. (Cheng apud Lai, 2009).

Quando consideramos 'ziran' como espontaneidade Lai (2009) nos diz que, seu foco principal passa a ser o indivíduo em um ambiente ou em um estado de coisas particular, ao invés de no mundo natural. Fox (apud Lai, 2009) argumenta que tal liberdade individual espontânea é uma característica fundamental da filosofia taoísta. É importante deixar claro que a espontaneidade no sentido taoísta não significa liberdade irrestrita, ela não promove a autodeterminação completa, em vez disso, ela deve ser entendida como um conceito que incorpora as relações fundamentais das entidades e a implantação destas em seus ambientes contextuais sendo então aplicável à espontaneidade tanto aos indivíduos como aos estados das coisas (Lai, 2009).

Aceitando essa análise de 'ziran', podemos também entender 'wuwei' como uma apreciação da espontaneidade (do outro). Dentro de uma estrutura que enxerga os indivíduos como interdependentes, o reconhecimento da espontaneidade, da distinção e da separação do outro acarreta numa resposta ética de não interferência ou uma ausência de interferência indevida – 'wuwei'. A não interferência tem muitas implicações éticas significativas que incluem evitar ideais absolutistas, inflexíveis e as metodologias ditatoriais e unilaterais, bem como promover aqueles que engendram uma medida de autodeterminação individual. 'Ziran-wuwei' descreve uma estrutura ética que está embasada no respeito pela espontaneidade individual. (Lai, 2009).

2.6. APROXIMAÇÕES COM A FORMAÇÃO DOCENTE

Podemos relacionar isso com a intervenção pedagógica proposta pelas teorias das aulas abertas às experiências, onde cultiva-se nos alunos a espontaneidade sem abdicar da intencionalidade da aula. Nessa proposta qualquer outra 'interferência indevida' deve ser deixada de lado, sendo então uma

maneira de respeitar eticamente o crescimento do indivíduo. Garantindo também que o papel do pedagogo, seja aquele que condiz com o real significado da palavra.

Entender que a espontaneidade, tanto nas artes marciais, quanto na formação docente se faz importante como espaço criativo, ou melhor *criativo*, é fundamental. Cultivar tal valor é permitir ao aluno, tanto em seu lugar de prática ‘marcial’ como no seu espaço na escola, a liberdade para construir um conhecimento significativo e duradouro durante seu processo de aprendizagem. Assim garantindo que o conhecimento produzido, seja ele em forma de movimento ou não, contribua para que ele alcance a autonomia durante tal processo.

Da mesma forma, a vivência da espontaneidade durante o processo de formação docente permite ao futuro professor experienciar tal ‘criatividade’ tornando-o mais flexível durante sua prática docente. Porém, assim como nas ‘artes marciais’, tal flexibilidade não significa abandonar seu objetivo primário. Essa flexibilidade se traduz em ‘adaptação’, no entendimento de que nada é estático, na ‘natureza eternamente mutável das coisas’, princípios estudados dentro do Pa-kua, uma vez que esses são os pilares da filosofia taoísta, que fundamenta esta ‘arte marcial’. Sendo assim, tal flexibilidade permite ao professor adaptar-se da melhor maneira possível a realidade imposta à sua experiência docente sem que o mesmo tenha de abdicar da sua intencionalidade pedagógica.

Nada disso é possível sem um salto epistemológico, sem a superação de paradigmas que ainda hoje, em pleno século XXI teimam em reduzir o ser humano a mero objeto. Algo que representa um retrocesso no entendimento que um dia tivemos e que foi obscurecido. Lampejos desse entendimento ainda podem ser encontrados nas mais diversas artes orientais, e foram aqui trazidos na forma de ‘artes marciais’.

Enraizado no oriente, existe um princípio que é encontrado nas filosofias que constroem culturalmente o cenário das ‘artes marciais’ e que aqui descreveremos com base na localidade onde focamos o estudo, a China. Esse princípio pode ser explicado como a indivisibilidade do ser, muito presente no taoísmo que se utiliza dos conceitos de *yin* e *yang* para explicar o que a ‘corporeidade’ tenta elucidar para nós no campo da Educação Física. Essa cultura nos coloca que o tanto yin quanto yang são energias presentes e constituintes de

todas as coisas, que apesar de serem energias opostas são inseparáveis e complementares. Se pensarmos no 'ser humano' sob o viés da 'corporeidade' também podemos dizer que corpo e mente são complementares e indivisíveis. Classificando mente e corpo respectivamente como yin e yang e atribuindo-lhes as características de cada uma dessas energias colocamos a mente como suave, subjetiva, sentimental, intangível e imensurável. Já do corpo podemos dizer que é forte, racional, palpável e mensurável.

A princípio eles parecem separáveis, mas na verdade são uma coisa só, eles se complementam e se 'produzem' cada qual em seus níveis mais profundos. Um se manifesta no outro e os níveis tanto de corpo como de mente se entrelaçam até se confundirem em algo que chamamos de 'ser humano'.

O movimento humano é descrito por Kunz (1991) como sendo fundado na intencionalidade, o que permite ao ser humano questionar de diferentes maneiras o mundo e suas relações com o mesmo assim como responder a ele. O movimento humano para o autor é apenas uma destas possibilidades de resposta. Ele ainda coloca que somente pela intencionalidade presente no 'se-movimentar' é possível superar um mundo confiável e conhecido e penetrar num mundo desconhecido. Em outras palavras, alega que apenas permitindo uma experiência diferente dos padrões já mensuráveis e tidos como modelo é que poderemos avançar de paradigma.

A intencionalidade do 'se-movimentar' é orientada por fatores do mundo exterior que adquirem através do movimento na relação dialógica de homem e mundo um significado. A totalidade destes significados é denominada por Gordjin (*apud* Kunz, 1991), como 'mundo dos significados motores'. Ainda para Gordjin, o sentido/significado é, assim, constituído na relação homem/mundo e "não pode ser localizado somente no sujeito ou somente no(s) objeto(s)".

A aquisição de "um mundo de significados motores" pelo 'se-movimentar' deve ser entendido, segundo Gordjin (*apud* Kunz, 1991), em três aspectos intencionais, ou como prefere Tamboer (*apud* Kunz, 1991): "O movimento humano é uma atividade intencional, a sua forma é adquirida de três diferentes formas de transcender limites".

São as elas:

1) *forma direta,*

2) *forma aprendida*; e

3) *forma criativa/inventiva*.

Dessas três a que mais nos interessa agora é a ‘forma direta’ devido ao seu trato com a espontaneidade, o que nos remete às reflexões apresentadas anteriormente sobre o mesmo ponto dentro do taoísmo filosófico, sob o conceito de ‘ziran’.

Esta forma se refere à maneira direta e espontânea de resolver um problema na atividade do movimento. Abordar o mundo dos significados motores de forma direta e espontânea é “responder livremente a ele com o que o corpo de forma pré-reflexiva já sabe” (Trebel, *apud* Kunz, 1991).

Ao corpo intencional é possibilitado, no plano pré-reflexivo e de forma direta, reconhecer significados e responder a eles (Tamboer, apud Kunz, 1991).

Como exemplo para esta ‘forma direta’ de transcender limites do ‘se-movimentar’, Kunz (1991), aponta o primeiro contato de uma criança com uma bola, no qual a criança já sabe o que fazer com ela: brincar. Ainda segundo o autor, ao chutá-la, agarrá-la, ou deixá-la rolar novas perspectivas de dialogar com o mundo são abertas, construindo assim o ‘mundo de significados motores’ da criança.

Cultivar e permitir florescer essa espontaneidade é uma característica presente no treinamento das ‘artes marciais’, quando estas não passaram por um processo de esportivização. Em maior ou menor grau as ‘artes marciais’ não só permitem, mas também exigem dos praticantes desenvolverem a capacidade de ‘responder livremente’ às situações com aquilo que o corpo já sabe de forma ‘pré-reflexiva’. Fazem isso ao permitir que o praticante experimente (brinque) seu corpo em diversas situações geradas nos diferentes tipos de treino e da mesma forma que a criança, ao experimentar essas condições que são livres de regras e formas pré-estabelecidas vão aos poucos construindo seu próprio ‘mundo de significados motores’.

Entretanto, a ‘forma direta’ não é a única que se aproxima daquilo que podemos experimentar dentro das ‘artes marciais’. O que podemos observar é

que essas três formas estão presentes nas ‘artes marciais’, mas sua ordem de aparecimento nos treinos pode variar conforme os diferentes estilos.

As formas ‘aprendida’ e ‘criativa/inventiva’ podem ser observadas respectivamente nos treinamentos.

A ‘forma aprendida’ é perceptível onde a repetição de movimentos/golpes toma maior espaço. Podemos dar como exemplo a aprendizagem de um determinado golpe de perna, onde não adianta focar o ensino na plasticidade do golpe enquanto não estiver presente no mesmo a intenção, em outras palavras, nesta forma de transcender limites, ‘o aprender’ não consiste jamais pela ‘imitação da forma’, como no exemplo comum da aprendizagem de destrezas motoras nos esportes, mas um movimento que deve ser aprendido por uma estratégia, que Tamboer (*apud* Kunz, 1991) denominou de “imitação de uma intenção”.

A ‘forma criativa/inventiva’ por sua vez é observável em praticantes de maior experiência, que através da ‘espontaneidade’ e ‘intencionalidade’ são capazes de estruturar um novo movimento/forma/técnica após reagir a uma ação de forma ‘pré-reflexiva’. Voltando à concepção educacional de Mollenhauer (*apud* Kunz, 1991), poderíamos relacionar esta forma “criativa/inventiva”, de transcendência de limites do movimento padronizado, com a que foi mencionada como “constituição e exploração de novos sentidos/significados” pelo processo de ensino-aprendizagem.

Ao considerar tudo o que foi apontado, nos arriscamos a aproximar o papel do professor, enquanto aquele que guia o aluno durante o processo de ensino-aprendizagem, ao papel de um ‘mestre’ em ‘artes marciais’ que tem por objetivo guiar e mostrar ao discípulo aquilo que lhe é necessário não só no desenvolvimento ‘técnico’ mas principalmente, para atingir a “compreensão e conquistar o equilíbrio e a harmonia interior”.

Dessa forma, podemos dizer que cabe ao professor/mestre, quando legitimado pelas capacidades de ‘observação’, ‘atenção’ e ‘percepção’ adquiridas durante a sua ‘formação’, o papel de intervir e conduzir no processo de construção de significados e conhecimentos, criando e utilizando os métodos/técnicas que melhor se adequem às situações de sua prática docente como um todo, sem nunca perder de vista o objetivo ‘fim’ da mesma, a formação de um ‘ser humano’ integral, autônomo e conhecedor de si.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho chegou até aqui numa tentativa de explorar a literatura em busca de pontos comuns entre a corporeidade e as 'artes marciais' a fim de aproximar estes distintos campos e levantar novas possibilidades para complementar a formação de docentes no campo da Educação Física. Além disso, o trabalho foi um esforço para ressaltar a necessidade de um avanço de paradigma na lida com o corpo dentro do campo, no sentido de superação de uma visão fragmentada de homem trazendo à tona novamente aquilo que já vêm sendo apontado por Kunz durante sua trajetória de contribuições para a Educação Física em geral.

Em certo nível, acreditamos ter contribuído com outras portas para o estudo da corporeidade pela Educação Física, a partir do estudo das 'artes marciais' chinesas e suas linhas filosóficas; assim alcançando até certo nível os objetivos almejados no início da pesquisa ao aproximar os pontos em comum encontrados na literatura tanto na área da corporeidade como na área das 'artes marciais' utilizando como ponto comum entre as duas áreas o 'corpo'.

De uma maneira geral acreditamos que as 'artes marciais' quando vinculadas à sua filosofia de origem possuem grande aproximação com as concepções fenomenológicas de movimento humano, constituindo-se então num rico campo de investigação para a área da Educação Física.

Certos de que a temática está longe de ser esgotada deixamos a sugestão de realizarem-se estudos em relação às 'artes marciais' e suas metodologias de ensino, bem como a sua interrelação com a corporeidade e a Educação Física, uma vez que conforme foi mostrado anteriormente na justificativa, falta aprofundamento e investigação pelo campo de conhecimento da Educação Física nessa área abordando o estudo do corpo numa visão fenomenológica.

Da mesma forma, faltam estudos mais aprofundados que estabeleçam diferenças entre as expressões 'esportes de combate', 'esportes de luta', 'luta' e 'arte marcial' uma vez que normalmente esses termos são utilizados como sinônimos para se referir às 'artes marciais orientais'. Acreditamos que existe uma importância em diferenciarem-se esses termos, pois aquilo que designamos durante o trabalho como 'arte marcial' possui características e objetivos, que foram mostradas ao decorrer da pesquisa, bastante singulares, sendo estes

essencialmente diferentes da imagem que nos é trazida pelas palavras 'esportes' e 'lutas' no dia-a-dia.

Junto a isso podemos sugerir pesquisas sobre os efeitos da experiência prática com as 'artes marciais' na intervenção pedagógica de docentes assim como a 'percepção' destes com relação aos alunos de uma forma geral. Não somente isso, apontamos a necessidade de pesquisas na 'adaptação' das 'artes marciais' de uma maneira geral para o ambiente escolar, uma vez que esse é possuidor de objetivos e intencionalidades únicas e por isso necessitando que o conteúdo de tais 'artes' passe por uma 'transformação didático-pedagógica'. Sugerimos aqui também que tais pesquisas sejam feitas com foco em 'artes marciais' não só considerando os aspectos do mundo da 'esportivização' mas garantindo o forte vínculo das mesmas com sua filosofia de origem mesmo quando sua metodologia não seja aquela que tradicionalmente é utilizada em seu país de origem, como por exemplo o Pa-kua, usado aqui como fonte e inspiração para esse trabalho.

4. REFERÊNCIAS

ASSMANN, H. **Metáforas novas para reencantar a educação**: epistemologia e didática. 2 ed. Piracicaba: EdUnimep, 1998. (Original 1996).

_____. **Reencantar a educação**: Rumo à sociedade aprendente. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2001. (Original 1198)

BAGUAZHANG. Practice. Disponível em: <<http://www.wudangongfu.com/kungfu/bagua.htm>>. Acesso em: 1 maio 2009.

CARDOSO, L. C.; FERRARI, R. D. Políticas públicas, Formação e Exercício Autopoiéticos no Contexto Contemporâneo: para compreender outras concepções paradigmáticas em esporte e lazer. In: FALCÃO, J. L.; SARAIVA, M. C. (Orgs). **Práticas Corporais no Contexto Contemporâneo**: (In)Tensas Experiências, v. 1. Florianópolis: Copiart, 2009, p. 55-125.

CARDOSO, L. C.; HIRAI, R. T. Para a Compreensão da Concepção de “Aulas Abertas” na Educação Física Escolar: orientada no aluno, no processo, na problematização, na comunicação e... . **Motrivivência**, Florianópolis, n. 27, p. 119-36, 2006.

COX, J. W.; HASSARD, J. **Triangulation in Organizational Research**: a Representation. In: Organization, 12: 1, 2005. AB/INFORM Global, p. 109-33.

CROMPTON, P. **Meditação em movimento**. 10 ed. São Paulo: Pensamento, 2007. (Original 2002).

DUARTE, T. A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica). **Centro de Investigação e Estudos de Sociologia**: e-WORKING PAPER, Lisboa, Portugal, n. 60, p. 01-24, 2009. Anual. Disponível em: <http://www.cies.iscte.pt/destaques/documents/CIES-WP60_Duarte_003.pdf>. Acesso em: 04 out. 2011.

FIELDING, N.; SCHREIER, M. Introduction: On the Compatibility between Qualitative and Quantitative Research Methods. In: Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research (**Revista on-line**), 2: 1 (54 parágrafos), 2001. Disponível em: <<http://qualitative-research.net/fqs/fqs-eng.htm>> Acesso em: 16 out. 2011.

FLICK, U. **Métodos Qualitativos na Investigação Científica**, 2 ed., Lisboa. Monitor, 2005a.

FLICK, U. Triangulation in Qualitative Research, In: Flick, U.; E. V. Kardorff; I. Steinke (Eds.). **A Companion to Qualitative Research**, Sage, 2005b, p. 178-83.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1991. (Original 1987).

KELLE, U.; ERZBERGER, C. Qualitative and Quantitative Methods: Not in Opposition. In: Flick, U.; E. V. Kardorff; I. Steinke (Eds.). **A Companion to Qualitative Research**, Sage, 2005, p. 172-7.

KELLE, U. Sociological Explanations between Micro and Macro and the Integration of Qualitative and Quantitative Methods, In: Forum Qualitative Sozialforschung/Forum: Qualitative Social Research (**Revista on-line**), 2: 1 (43 parágrafos), 2001. Disponível em: <<http://qualitative-research.net/fqs/fqs-eng.htm>> Acesso em: 16 out. 2011.

KUNZ, E. **Educação Física: ensino&mudança**. Ijuí: EdUnijuí, 1991.

KUNZ, E. **Transformação Didático-Pedagógica do Esporte**. Ijuí: EdUnijuí, 1994.

LAI, K. L. **Introdução à filosofia chinesa: confucionismo, moísmo, daoísmo, e legalismo**. Trad. Saulo Alencastre. São Paulo: Madras, 2009. (Original inglês, *An Introduction to Chinese Philosophy*, 2008).

REICHOLD, A. **A corporeidade esquecida**: sobre o papel do corpo em teorias ontológicas e éticas da pessoa. Trad. Benno Dischinger. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2006. (Original alemão, *Die vergessene Leiblichkeit: Zur Rolle des Köpers in ontologischen und ethischen Persontheorien*, 2004).

REID, H.; CROUCHER, M. **O Caminho do Guerreiro**: O Paradoxo das Artes Marciais. 11 ed. São Paulo: Cultrix, 2010.

SANTIN, S. **Educação Física**: Uma abordagem filosófica da corporeidade. 2 ed. Ijuí: EdUnijuí, 2003. (Original 1987).

SUGAI, V. L. **O Caminho do Guerreiro**. São Paulo: Gente, 2000, v. 1.

TAMBOER, J. Sich-bewegen-ein dialog zwischen mensch und welt. **Sport pädagogik**, Hamburg, 3(2): 14-29 março, 1979.

TASHAKKORI, A.; TEDDLIE, C. Mixed methodology. Combining qualitative and quantitative approaches (**Applied Social Research Methods Series**, v. 46), Londres, Sage, 1998.